

O Saci centenário: uma análise mitocrítica de Saci Pererê – resultado de um inquérito**The 100-year-old Saci: a mythocritical analyses on Saci Pererê – result of an inquiry**Andriolli Costa¹⁵<https://orcid.org/0000-0002-8589-27>

Resumo: Este trabalho revisita o livro *O Saci Pererê – Resultado de um Inquérito*, organizado por Monteiro Lobato em 1918. O *Inquérito* conta com mais de 70 depoimentos que dão a ver versões plurais do mais brasileiro dos mitos: o saci – duende negro, com herança europeia e indígena. Partindo do levantamento da Narrativa Canônica e do reconhecimento do lastro simbólico do Nome do mito, o trabalho dá início a uma análise mitocrítica fundamentada na vertente arquetipológica da Teoria Geral do Imaginário, buscando evidenciar as constelações simbólicas que emergem da obra. Tensionando leituras de que o texto evocaria imagens racistas e demonizadas, a partir da análise encontramos agrupamentos referentes aos mitologemas do Indígena, do Pássaro, do Escravo, do Transgressor, do Demônio e do Herói, que evidenciam uma complexidade inata no mito enquanto aquele que hesita entre aliado e castigador, entre aparentado do diabo e eleito de Deus, entre desvio mantenedor do *status quo* e inspiração para a liberdade.

Palavras-chave: Saci; Imaginário; Folclore; Mito; Monteiro Lobato.

Abstract: This article revisits the book *O Saci Pererê – result of an inquiry*, organized by Monteiro Lobato in 1918. The *Inquiry* counts on more than 70 testimonials that gives us plural versions of the most Brazilian of the myths; the saci - a black and legless imp with a red cap inherited from the European gnomes and with indigenous origin. Starting with the identification of the Canonical Narrative and the recognition of the symbolic coverage of the Name of the myth, this works develops a mythocritical analysis based on the archetypological aspect of the General Theory of the Imaginary, seeking to highlight the symbolic constellations that emerge from the oeuvre. Tensioning readings that the text would evoke racist and demonized images, through the analysis we've found the following mythologems: the Indigenous, the Bird, the Slave, the Transgressor, the Demon and the Hero, which show an innate complexity in the myth as that who hesitates between ally and punisher, between the devil and the elect of God, between the deviation used to maintain the status quo and the inspiration for freedom.

Keywords: Saci; Imaginary; Folklore; Myth; Monteiro; Lobato.

Introdução

O ano era 1917 quando Monteiro Lobato usou das páginas que dispunha no *Estadinho*, suplemento do jornal *O Estado de S. Paulo*, para fazer uma convocatória. O escritor já ganhara notoriedade anos antes com a publicação de artigos que consolidavam a imagem do caipira enquanto um parasita da terra e epítome do atraso, seja devido a práticas de cultivo

¹⁵ Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS, mestre em Jornalismo pela UFSC. Pesquisador de pós-doutorado da UNEB. Contato: andriolli_costa@hotmail.com.

antiquadas (como a coivara), pela suposta preguiça ou pelo modo de vida “pacato”. Afeito a polêmicas e sempre de dedo em riste, entretanto, Lobato retornava desta vez à temática interiorana para encontrar nela não mais o bode expiatório da conjuntura brasileira, mas sua panaceia. Buscava, para tanto, realizar um inquérito. “Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o saci” (LOBATO, 2008, p. 36). Ambos, a obra e o mito que a inspirou, serão objeto deste estudo.

Muitos compreendem a campanha lobatiana, que trouxe o duende pernetta como estandarte, mero reflexo de seus arroubos nacionalistas. E há motivos para isso. No mais puro deboche, o autor dedica o *Inquérito*, por um lado, à “saudosos Tia Esméria” e a todas as pretas velhas contadoras de histórias; por outro, ao bairro do Trianon, região que elegeu como substrato da goma europeia na capital paulista. No mesmo período, o autor já se demonstrava desgostoso com o estrangeirismo que invadia o Brasil nos modos, no vocabulário, e especialmente na arte. Revolta-se especialmente com estátuas de duendes barbaçudos, encapotados para o frio sob o sol tupiniquim – reflexo do que julgava ser uma covarde estética nacional. Para Lobato, deveríamos assumir nossos motivos, com imagens não de anões nibelungos, mas de curupiras, papagaios, macacos ou, é claro, de sacis (LOBATO, 2008, p. 29).

Seria uma incorreção, entretanto, limitar o lançamento do *Inquérito* à busca pela valorização do nacional – especialmente tendo em vista a pesada crítica lobatiana ao caipira e sua admiração à modernidade, à indústria e aos Estados Unidos. O que a explica, portanto? Uma resposta possível pode ser encontrada nas raízes simbólicas do imaginário. É de se lembrar que estávamos no ápice da Grande Guerra, a primeira até então. As promessas de progresso permanente da tecnologia, que nos levaria ao apogeu da evolução humana, se concretizavam em forma de carnificina. O mito de Prometeu, que trazia as promessas do fogo e da Técnica para o homem, se convertia na desumanidade fáustica daquele que perdeu sua alma na busca pelo sucesso (DURAND, 1998, p. 256).

Essa relação de descrédito momentâneo com o progresso maquinístico está manifesta na abertura do *Inquérito*, já publicado na forma de livro. Nela, percebemos que, à brutalidade cometida pelas nações ditas civilizadas, Lobato buscou um contraponto no saci e em tudo o que derivava a partir dele (o interior, a natureza, a pilhéria e, é claro, a liberdade).

Quem se afoutasse a abrir uma folha sorvia sangue dos telegramas à seção livre. Um engulho. Foi quando surgiu o Saci, e veio com suas diabruras aliviar-nos do pesadelo. Por várias semanas alvorotaste meio mundo, oh infernal maroto, e desviaste a nossa atenção para quadro mais ameno que o trucidar dos povos. Bendito sejas! Estás perdoado de muitas travessuras por haveres interrompido, por um momento, em nossa imaginação, a hedionda sessão permanente de horror, aberta pelo sinistro 2 de agosto de 1914, de execrabilíssima memória (LOBATO, 2008, p. 27).

No total, foram mais de 70 depoimentos recebidos para o projeto que se tornaria publicação. Certas cartas traziam um incontido deboche, outras poucas uma crença velada. A maioria recordava com nostalgia as lembranças da meninice encantada pelas histórias do mito. O método do *Inquérito* coletivo, diferente do ensaio individual, favoreceu a pluralidade de imagens. Por certo que há um recorte de classe imediato entre os informantes – no mínimo na questão da alfabetização, já que os relatos foram enviados por escrito – só que ainda assim abre-se espaço para imagens que independem da visão de mundo de um único autor. Assim, por certo que o racismo e a eugenia manifestam abertamente nas correspondências de Lobato e de modo latente na sua ficção (HABIB, 2003) não devem ser ignorados. No entanto, a força simbólica que dá forma ao saci antecede e muito as elocubrações do autor sobre raça.

Neste trabalho, filiado à Teoria Geral do Imaginário, revisitamos *Saci Pererê – Resultado de um Inquérito* pouco após o centenário de sua publicação para buscar na obra

cultural as respostas que apenas a mitocrítica pode oferecer: quais imagens simbólicas constelam a partir do saci no *Inquérito*? Como elas são dinamizadas por uma sociedade marcadamente racista e que saía há apenas três décadas da abolição da escravatura? E, acima de tudo, é possível a partir da obra compreender o porquê, mesmo um século depois, o saci permanece sendo um dos mais mitos mais famosos do país?

A “mitodologia” durandiana, como ele mesmo a batiza, se centra no estudo do mito enquanto imaginário manifesto e busca analisar as redundâncias da imagem em uma obra cultural, que se repete para melhor impregnar e persuadir (DURAND, 1998). Compreendendo o mito como a narrativa, o mitologema como seu esqueleto e os *mitemas* como as menores partes narrativas que constituem o mito (DURAND, 2012), o percurso consiste em identificar e organizar os mitologemas e mitemas para a partir deles orientar a análise. Assim, perseguiremos a presa mítica no texto do *Inquérito* para tirar suas consequências em uma análise que, embora não ignore as controvérsias envolvendo a biografia do autor, a tensione para encontrar no próprio texto seus sentidos epifânicos.

O Inquérito

Já consolidado na imprensa paulista, com quem colaborava frequentemente com artigos provocantes que movimentavam a audiência, Lobato passou a insistir na temática do saci em um artigo publicado no dia 24 de janeiro de 1917. O gancho para o assunto foi trazido por um companheiro de redação: Manuel Lopes de Oliveira Filho, o Manequinho Lopes. O biólogo, hoje considerado “pai” do Parque Ibirapuera, era também articulista do jornal e, segundo Lobato, um grande investigador da língua Tupi e das culturas populares. Lopes buscou plasmar a figura do duende brasileiro em “barro do Poá”¹⁶, oferecendo o motivo perfeito para o texto lobatiano: a falta de representações artísticas dos mitos brasileiros.

Figura 1 – Saci de Manequinho Lopes



Fonte: ESTADÃO, 1917, p. 4.

¹⁶ Cidade da região metropolitana de São Paulo de onde veio o barro.

Se o medo e a escuridão, reflete Lobato, foram capazes de gerar tanto os deuses gregos imortalizados pelos *aedos* quanto a corte das fadas em sonhos preservados pela dramaturgia de Shakespeare; no Brasil, que em nada lhes devia no quesito da fantástica popular, faltava ainda o envolvimento dos artistas para abraçar de vez essa cultura. Não apenas por desinteresse, mas por falta de acesso. Afinal, justifica o autor, se era comum encontrar tomos dos mais variados dedicados à mitologia celta nas bibliotecas públicas, o mesmo não pode ser dito dos livros sobre nosso folclore que raramente conspurcavam o nobre ambiente livresco. Para manter a honestidade do registro, Lobato recomendava ir ao povo. “Afundar na roça para uma consulta ao grande livro não escrito da credence popular” (LOBATO, 2008, p. 32).

Talvez aos olhos de hoje a assertiva de Lobato possa parecer banal. No entanto, é preciso lembrar que na época, especialmente nos periódicos dominados por uma elite intelectual altamente excludente, tudo aquilo ligado ao folclórico era abordado pela perspectiva do exótico, pouco mais que um folhetim de curiosidades. Basta ver, por exemplo, aquele que é considerado um dos primeiros artigos de jornal no qual o mito do Saci Pererê é mencionado. Publicado em 1859 no *Correio Paulistano*, o texto já se coloca na defensiva, justificando-se o tempo todo. O pedido de desculpas ao mesmo tempo em que apascenta o público, menospreza de início todo o conteúdo das narrativas que investiga

Respeitável leitor, venerável crítico de testa enrugada e olhar inspirado, não vos revoltais contra as histórias populares que vou começar a escrever. São crenças errôneas e muitas vezes cômicas as do povo, mas nem por isso destituídas de interesse; recreiam a imaginação, acalmam por vezes os cuidados do espírito e são para muitos recordação doce do passado (CORREIO PAULISTANO, 1859, p. 2).

Se o *Correio* já antecipava críticas, Lobato não esperava menos polêmica quando trouxe a temática ao *Estadão* meio século depois. E se alguns leitores se mostraram ultrajados com um jornal “sério” gastar tinta e papel com “tão grosseira superstição popular, dessas que depõe contra os nossos créditos de civilizados perante as nações estrangeiras” (LOBATO, 2008, p. 35), muitos outros se envolveram com a narrativa já nostálgica. O interesse havia sido despertado.

Lobato (2008, p. 37) encontrou no Pererê – tido por ele como a mais original de nossas criações populares – o protagonista perfeito para sua campanha. Encantado resultante do imaginário do indígena, do negro e do europeu, defendia Lobato, o saci era a síntese da cultura brasileira. O mito, explica ele, “vem do autóctone que lhe deu o nome atual, corruptela de *Çaa cy perereg*¹⁷. Sofreu o influxo do africano, passando de caboclinho a molecote. Modificou-se por injunção da psíquica portuguesa. O mestiço meteu nele muita coisa de seu” (LOBATO, 2008, p. 38). Estudar o saci, desta forma, era estudar o Brasil

O inquérito se consolidou a partir de cartas dos leitores que deveriam responder a uma trinca de perguntas orientadoras.

- a) Sobre a sua concepção pessoal do Saci; como a recebeu na sua infância; de quem a recebeu; que papel representou tal credence na sua vida, etc.;
- b) Qual a forma atual da credence na zona em que reside;
- c) Que histórias e casos interessantes, passados ou ouvidos sabe a respeito do Saci.

Nem todos se valeram deste expediente, chegando a enviar músicas, poemas ou relatos de memória – em histórias escutadas na infância pela voz de mucamas, amas de leite, ex-

¹⁷ Quem sugere a etimologia a Lobato é Manequinho Lopes, possivelmente influencia por *O Tupi na Geografia Nacional*, de Theodoro Sampaio, cuja segunda edição foi lançada em 1914.

escravos ou funcionários da fazenda. Outros abraçaram o empreendimento e foram a campo conversar com caboclos, boiadeiros, parentes mais velhos. Retratos de distinção de classes entre quem contava e quem ouvia, por um lado, mas por outro um resumo da dinâmica do folclore – transmitido pela oralidade, mas fixado por lastros simbólicos ainda mais poderosos mobilizados pelo imaginário.

A participação foi considerável e gerou um livro publicado em 1918. No total, a publicação contou com 73 depoimentos, incluindo um assinado pelo próprio Saci e redigido por Lobato. O grosso das correspondências vinha de São Paulo e interior, mas também houve depoimentos enviados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Outros, em seus relatos, mencionavam também os estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná, e um leitor, de maneira ampla, a região Nordeste. Uma amostragem concentrada – focada nos leitores do jornal paulista – mas que já demonstrava a força do mito pelo território nacional.

O envolvimento do público não foi obra do acaso. O saci movimenta emoções que vão muito além da nostalgia, e remete a imagens ancestrais que nos ligam nacionalmente enquanto brasileiros e, em sentido amplo, enquanto gênero humano. É isso que percebemos em nossa Mitocrítica.

Primeiros passos

Nos estudos do mito é importante ter como ponto de partida dois elementos distintos: o reconhecimento da *narrativa canônica* e a identificação do *nome* verdadeiro que o mito assume. Nomear é conhecer. São esses elementos que serão tensionados pela mitocrítica – por meio da identificação dos mitologemas e organização de mitemas redundantes – para que enfim o mito então se revele.

A narrativa canônica, como sugere Eunice Gomes, não é um resumo de textos sobre o mito, mas aquilo que o sistematiza (GOMES, 2011). Seria algo como um modelo padrão, um tipo ideal weberiano, que forma sua representação hegemônica. Esta imagem é construída tendo por base não apenas o senso comum, mas também a influência midiática, em um processo de retroalimentação no qual o texto cultural se torna mais coerente, menos arracional, e de mais fácil compartilhamento.

No caso do mito do saci, o cânone fala de um moleque negrinho, de uma perna só, que pratica todo o tipo de diabruras, mas sem nunca ser verdadeiramente mal. O saci carrega por vezes um cachimbo, veste carapuça vermelha – a fonte dos seus poderes mágicos – e se desloca por meio de um redemoinho. Interessante notar que falar de saci é, imediatamente, falar em modos de sua captura. Mesmo hoje a grande atividade escolar de celebração do folclore costuma ser uma caça ao saci.

O *Sítio do Picapau Amarelo*, série infantil escrita por Lobato entre 1920 e 1947 – e que contou com inúmeras adaptações audiovisuais – institucionalizou um desses métodos: o uso da peneira para contê-lo e o roubo da carapuça para desempoderá-lo. Aquele que toma a carapuça do saci ganha poder sobre ele, e, tendo-o preso, pode chantageá-lo para que realize os desejos de seu captor. “A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um *pequeno escravo*” (LOBATO, 2005, p. 18, grifo nosso).

Com o tempo, a narrativa canônica vai sofrendo tamanho influxo cultural que pode paulatinamente se afastar dos mitologemas originais, perdendo mitemas em um processo de esvaziamento e desbastamento. No nível máximo da estereotipia, temos apenas a casca do mito, um nome que nada mais diz, uma imagética sem lastro de sentido. Num momento anterior a este, quando apenas um mitema é valorado enquanto os demais são suprimidos, diz-se que o mito sofreu *heresia* – termo usado em seu sentido etimológico, como a “escolha de

uma única visão” (DURAND, 2010, p. 144).

A força da mídia na construção desta narrativa canônica desbastada se mostra quando o próprio lastro da adaptação original vai se perdendo nos vários níveis de massificação da mensagem. Monteiro Lobato evidentemente se inspirou no material colhido em seu *Inquérito* para compor sua versão literária do Saci no *Picapau Amarelo*, publicado três anos depois. Ainda assim, precisou fazer escolhas. Na obra infantil, o saci tem costume de chupar sangue dos cavalos. Traz as mãos furadas como duendes portugueses e carrega ainda muito de demoníaco, marcadamente pelo temor a objetos religiosos e ao cheiro de enxofre. Nas subsequentes adaptações televisivas, o duende brasileiro perdeu muito de sua referência religiosa, deixou o cachimbo de lado, foi destituído do furo nas mãos e tornou-se mais moleque do que diabrete.

Por vezes, um mito está mobilizando mitemas tão distintos – ou ordenados em constelações tão diferentes – que pode carregar falsamente um nome, enquanto escamoteia outro (DURAND, 1998, p. 247). No *Inquérito* encontramos uma série de variações além do tradicional Pererê, atribuídas a onomatopeias do canto de pássaros: Saci Ceperê, Saci Cererê, Saci Trique, Saci Siriri, Saci Serumpererê, Saci Perereca, Saci Saterê, Saci Mofera, Saci Saperê, Saci Saderê, Saci Patarê, Saci Sia-Teresa.

Lobato (2008), todavia, aceita mais a sugestão de Manequinho Lopes: viria do Tupi *Çaa cy perereg*, olho mau saltitante, mas salienta que a etimologia não ficou comprovada. O nome, no caso, indicaria que o duende possui “olhos doentes” e, portanto, sempre vermelhos. Curioso é perceber que a visão, sempre ligada à percepção e a capacidade de discernir é falha nesta interpretação do saci, fazendo com que as fronteiras entre certo e errado não fossem facilmente distinguíveis para ele.

A miopia, por outro lado, também prejudica a agência. Algo que não percebemos na etimologia proposta por Teodoro Sampaio. “Negrinho irrequieto e maléfico, tendo um dos olhos doente (ça-çy) e outro muito vivo e buliçoso (ça-pererê)” (SAMPAIO, 1901, p. 311.) Diferente do Pererê de Lopes, o Sapererê carregaria em si a dualidade do olho bom e do mau. Como as línguas indígenas são baseadas na oralidade, não na escrita, isso quer dizer que o texto escrito exige forma fixa, enquanto o oral permite que os vários entendimentos coexistam ao mesmo tempo e na mesma história.

Há ainda outra sugestão de origem autóctone: derivação do mito Guarani do Yasy Yateré que, conforme Juan Ambrosetti, significa “fragmento da lua”. Não a lua romântica e acalentadora, mas masculina, enganosa e sedutora. Os primeiros registros tanto de Saci, quanto de Yasy são contemporâneos; datam da segunda metade do século XIX. Impossível afirmar com certeza qual mito antecedeu o outro, ainda que o consenso indique a origem indígena. No entanto, apesar da proximidade dos nomes, o processo de derivação – com supressão de mitemas e acréscimo de outros – gerou mitos completamente distintos. Ambrosetti (1894, p. 135), ao descrever o mito do Yateré, o faz com os seguintes termos:

Um anão loiro, bonito, que anda coberto por um sombreiro de palha e levando um bastão de ouro em sua mão. Seu ofício é o de roubar os meninos de colo, que leva para o monte, lambe, brinca com eles e logo os abandona envoltos em trepadeiras. [...]. Não falta quem assegure que ele rouba também as mulheres bonitas, que são igualmente abandonadas, e que o filho que nasce desta união, com o tempo, também será um Yasy Yateré.

Não se pode ignorar que o duende Guarani ser descrito como loiro rende, de imediato, o qualificativo de “bonito”, enquanto a feiura é frequentemente atribuída ao saci. Neste relato, em específico, não se fala da cor de sua pele; mas é frequentemente descrita como pálida feito o satélite terrestre. Já no próprio *Inquérito*, beleza é um atributo mencionado apenas uma vez quando atribuída ao saci, enquanto que “feio” ou “horrrível” – de maneira explícita e implícita – são recorrentes. No depoimento 59 temos um exemplo desta feiura para o informante: cara

quadrada de preto velho, nariz chato, olhos vermelhos e embriagados, orelhas enormes, lábios grossos, boca torta de fumante (LOBATO, 2008, p. 298). São as mobilizações do mitologema do Escravo – onde constelam imagens ligadas à raça, à captura, à servidão forçada quando a carapuça é tomada.

Em um trabalho pioneiro, Renato Queiroz comparou todos os adjetivos e qualificadores ligados ao saci no texto fonte organizado por Lobato com uma pesquisa de campo que desenvolveu no interior de São Paulo cerca de 70 anos após a publicação do *Inquérito*. Levanta com isso o argumento para sua crítica introdutória: o *Inquérito*, enquanto campanha organizada por um veículo de imprensa, oferece um recorte elitista dos depoimentos. Para ele, o mito se ajustava perfeitamente aos interesses ideológicos de setores da classe dirigente da época no sentido de discriminar simultaneamente negros e caipiras. As referências ao Saci e suas ações reproduziram a maior parte dos estereótipos depreciativos com os quais são definidos os negros na sociedade brasileira. A própria *falta de perna* indicaria essa deficiência como mais um elemento de desaforo (QUEIROZ, 1987, p. 70).

Por outro lado, em seu trabalho de campo que buscava um recorte caipira, Queiroz encontra variações que julga consideráveis nas descrições do mito. O duende continua negro, mas menos demoníaco e animalesco. E “não contém qualquer referência ao ‘fartum peculiar aos negros’ e muito menos ao odor de enxofre, que tanto incomodavam os olfatos sensíveis dos informantes de Monteiro Lobato” (QUEIROZ, 1987, p. 75).

O antropólogo se questiona como foi possível que um diabrete preto, pernetta e migrante rural acolhesse tanta simpatia em uma sociedade tão profundamente marcada pelo preconceito racial, seguidora de princípios cristãos e ávida pela urbanização (QUEIROZ, 1995, p. 142). Para ele, a resposta foi uma paulatina domesticação do saci, que se tornou mais moleque, perdendo traços assustadores e diabólicos, num processo que exploramos ao refletir sobre a narrativa canônica. Em seu raciocínio, entre imagens de bandido, malandro e bufão, o saci continua refletindo o mesmo lugar destinado aos negros nas narrativas. A dignidade e respeitabilidade permaneceriam, assim, “exclusivas aos brancos” (QUEIROZ, 1995, p. 147).

Outro ponto de interesse na pesquisa de Queiroz está na forma como sugere a relação do mito do saci com a população negra. Esta ligação se daria fundamentalmente por uma perspectiva utilitarista. Presume ele que os escravos “tivessem grande interesse em manipular a figura do moleque travesso, atribuindo às suas peraltagens uma série de ocorrências – pequenos furtos, quebra de utensílios etc. – pelas quais, não fosse o Saci, acabariam sendo mais seriamente responsabilizados e punidos” (QUEIROZ, 1987, p. 92).

A análise materialista de Queiroz certamente é válida, mas cabem ressalvas. Primeiramente, por ignorar o valor simbólico das narrativas, como se as ações concretas estivessem descoladas de uma movimentação do mito no imaginário – ou como se o imaginário não tivesse consequências concretas. Para além disso, esteve ausente também na sua leitura o fato de que o mito não é estático, mas dinâmico. Ao analisar qualquer mito décadas após um primeiro estudo, a degradação ou incorporação de mitemas é inerente ao objeto. Quem se domesticou foi o saci ou a sociedade? O racismo não desapareceu, é claro, mas escamoteia seu rosto.

Vale apontar: o depoimento que abre o *Inquérito* é assinado por uma mulher de família negra e proletária, que incorpora no texto referências raciais que hoje percebemos racistas (LOBATO, 2008, p. 41). Em diversos depoimentos, os depoentes entrevistam informantes de classes pobres, vários negros, e incorporam o relato em linguagem direta, mimetizando a oralidade e a prosódia dos informantes. E mesmo esse grupo atribui descrições recorrentes no que diz respeito ao mito: feiura, fedor, aparência animalesca, etc. Um exemplo ilustrador de uma realidade da época: o racismo não era um pecado da elite que assinava o *Estadão*, mas uma condição de tal maneira imbricada no pensamento que emergia em todas as instâncias do social, nas ciências, na elite branca e no proletariado negro.

O racismo dá forma ao registro, mas será que também afeta os mitologemas, as estruturas que fundamentam o mito? Não seria essa uma redução ao mitologema do Escravo? Veremos a seguir.

A mitocrítica

Na investigação dos relatos do *Inquérito*, relacionamos os seguintes mitologemas: o *Indígena*, o *Pássaro*, o *Demônio*, o *Herói*, o *Transgressor* e o já abordado *Escravo*. A referência ao saci indígena, cuja origem Tupi-Guarani exploramos acima, aparece no texto apenas nos textos introdutórios escritos por Lobato ou nos introitos de Manequinho Lopes, ambas tentativas de racionalizar o mito. Entretanto, encontramos alguns entrecruzamentos espaçados com os mitemas evocados pelo Yasy: em especial o do *Sequestro* e da *Sedução*. O depoimento 10 é o único que fala de um saci mais sexualizado, tentador de moças, mas sem referências a gravidez (LOBATO, 2008, p. 75). Por outro lado, os verbos “atrair”, “sumir” e “arrastar” para o mato repetem-se ao longo do texto, sendo aquele que sofre a ação um grupo de crianças, animais e, em uma única menção, as “crioulas” (LOBATO, 2008, p. 354). Atravessamentos entre Saci e Yasy se mostram claramente no depoimento 53, em que o duende é descrito como negro, mas com cabelos cor de ouro e portando um pedaço de pau.

No mitologema do Pássaro, encontramos a força da origem ornitóloga. Oito depoimentos falam sobre o saci se transformar em pássaro, numa forma frequentemente ligada à tristeza e melancolia, a um castigo ou ao envelhecimento. Ao observar os sons atribuídos ao saci, curioso é perceber que, com exceção do depoimento 70, o cantar do pássaro é sempre descrito como lamentoso, transmitindo toda sua dor, enquanto o assovio do duende, em nove das dez vezes em que é mencionado, é descrito como zombeteiro, estridente e desafiador.

Enquanto o saci ave chora de tristeza, o saci Transgressor diverte-se às gargalhadas e assovios. Mais do que um bufão, é um profanador, e concentra ações vinculadas ao rompimento de proibições e de interditos. Seu *habitat* são as encruzilhadas, ou as estradas que percorre sempre nos horários de transição – tabus frequentes no imaginário popular. Saci circula às desoras, nas horas mortas ou nas “horas de ave Maria”¹⁸, além de perseguir quem trabalha em dias santos. O rompimento da interdição é sua norma, mas também sua maldição. É filho de Jabiru com mulher que casa três vezes ou afilhado de mulher separada (depoimento 24) – reflexo das imagens que um casamento desquitado gerava sobre a figura feminina. Glutão, devora canjica rapidamente apenas para regurgitá-la na panela dos homens (LOBATO, 2008, p. 235). Beberão incorrigível, seca as adegas de vinho e depois as preenche novamente com urina (LOBATO, 2008, p. 43). Uma mobilização típica do arquétipo do Trickster.

Para Queiroz, o trickster assume muitas vezes o papel do bobo da corte. Um personagem a quem é instituído o direito de romper a norma, quebrando aparências e ultrapassando barreiras que ninguém da sociedade ousaria cruzar. Entretanto, por meio desse processo catártico que o trickster representa, a ordem seria na verdade *reforçada*. “E ainda com o mérito de revelar aos seus integrantes a desordem que poderia se instaurar caso as normas, os códigos e os interditos viessem a se dissolver” (QUEIROZ, 1991, p. 98). Seria este o caso do saci?

John Roberts, em um livro dedicado a compreender a distinção entre o trickster divino dos nativos africanos para o trickster profano dos negros da diáspora, indica que o trajeto

¹⁸ Conforme a tradição portuguesa, o arcanjo apareceu para Nossa Senhora às 18h. Por isso sempre nesse horário o sino soava e os trabalhos eram interrompidos.

antropológico do contexto da escravidão gerou transformações na forma como o arquétipo é mobilizado (ROBERTS, 1993). Sua chave de leitura é a escassez: na África, escassos eram os recursos, fazendo que ali se proliferassem histórias em que a astúcia era o caminho para atingir a sobrevivência e a bonança. Já nos Estados Unidos escravagista, a falta era de liberdade. A astúcia, então, era a arma para resistir à opressão. Nesse contexto, o trickster assumiria um outro papel arquetípico para as populações em restrição de liberdade: o de Herói.

Quatro vezes o saci é chamado de “herói” pelos depoentes, sendo um deles o Herói das capoeiras – no sentido de matas (LOBATO, 2008, p. 274) e em outro como o Herói da sexta-feira, indicando a relação com os períodos de transição (LOBATO, 2008, p. 348). Mas isso pouco diz. Quando olhamos para as funções estabelecidas pelo saci nas narrativas do *Inquérito*, percebemos uma relação bem mais complexa. Saci é o guardião dos segredos, é o protetor da Flor de Samambaia – capaz de realizar o desejo de quem a encontrar (LOBATO, 2008, p. 250). É ainda um doador de riquezas, um ente que auxilia no casamento e na resolução de causas perdidas com muito mais facilidade que os santos, ocupados demais com assuntos celestes (LOBATO, 2008, p. 295). Saci profano é saci próximo, terrestre, capaz de agir por nós.

É especialmente exemplar o relato em que uma ex-mucama relembra quando era obrigada a fazer cafuné na cabeça de sua ama enquanto esta rezava o terço. Acarinhada na cabeça, a mulher acabava sempre dormindo no meio do processo, e a escrava era obrigada a aguardar que ela acordasse para continuar velando sua oração. Certa vez, em meio a um cochilo, a ama foi visitada em sonho por um saci que pregou nela uma solene *bofetada*. Desde então, conta, a mulher nunca mais dormiu no terço. Tempos depois, a negra assumiu: “o saci foi essa mão que está aqui!” (LOBATO, 2008, p. 187). Respiros de liberdade em um contexto de restrição, soprados pelos ventos de mudança do duende.

O imaginário da noite faz concentrar no saci vários elementos que transparecem no *Inquérito*: orelhas de morcego; olhos como dos bichos noturnos; dentes pontiagudos e unhas enormes como fera. Em algumas versões, seu pé termina em uma garra de corvo, recuperando o aspecto da ave de mau agouro. Em outras, pés, chifres e barbas de bode farão eco aos demônios europeus. Por outro lado, não é apenas aos seres da noite que o saci é comparado. Os leitores descrevem o saci como sendo esperto como caxinguelê, mais rápido que veado, e com visão mais precisa que da coruja. São metáforas comparativas, é claro, não descrições físicas, mas com isso percebemos traços positivos também presentes no relato.

A peneira, que na narrativa canônica se tornou o grande objeto da captura do saci, quase não é mencionada no *Inquérito*. Quem faz as vezes de artefato é um rosário bento – tanto de contas quanto um improvisado, feito de capim. A peneira só captura se for de cruzeta, ou seja, se trouxer uma cruz segurando as tramas da palha. Enfim, percebemos, o que é capaz de tirar a liberdade do saci não é nada além do componente religioso.

Essa aversão, que mobiliza o mitologema do Demônio, traz contradições curiosas. Vários relatos o descrevem como filho do demônio, parente do diabo, alcoviteiro do demônio ou como “satanás regenerado”. No entanto, é igualmente comum dizer que o mito é incapaz de qualquer maldade grande. Mais ainda, um dos depoimentos mais conhecidas diz que o saci era um demônio que fugiu do inferno e que recebeu do próprio Deus uma carapuça capaz de torná-lo invisível para que possa continuar mantendo distância das hostes infernais (LOBATO, 2008, p. 129). O fato inquieta um depoente, que manifesta: “Como dindinha conciliava sua fé católica e suas relações com o capetinha?” (LOBATO, 2008, p. 295).

Ocorre que o caboclo sempre teve uma relação dual com o demônio na narrativa oral. Era este o grande pai da maldade, mas era ao mesmo tempo um inimigo trágico cuja derrota sempre estava assinalada. Há todo um ciclo de histórias do Diabo Logrado na literatura oral (CASCUDO, 2012). O demônio, pai da mentira e senhor da astúcia, acabava enganado pelo

herói. Era o povo que atestava assim sua própria capacidade e inteligência – desde que, é claro, conhecedor da tradição.

Considerações finais

Ao reintegrar os mitemas que circundam o mito do saci, percebemos que, nos termos de Gilbert Durand, a análise feita por Renato Queiroz leva o mito à heresia. Amputa-o não da perna, mas de todos os outros mitemas que não os ligados à negritude e escravidão. O saci é descrito no livro como feio, insidioso, bestial, mas também como inteligente, veloz, amigo, protetor. Amaldiçoado e aparentado do demônio, é também abençoado pelo altíssimo. Castiga os negros, mas também os vinga. Com sua magia, capaz de invadir qualquer buraco de fechadura, é imune às regras. Rompe suas correntes e a dos que enxergam nele imagens de seus próprios anseios de libertação.

Quando a luta é difícil, disfarça-se de pássaro e vai chorar suas dores nas brenhas. Mas logo volta, recupera o riso e faz ecoar bem alto seu deboche aos poderosos. Quem pode derrotá-lo é somente o povo, dotado de astúcia e tradição. Ainda assim, ele sempre volta.

Elemento importante também é a perna que falta. Nunca descrita como deficiência, mas como peculiaridade. Verbos ligados ao saltar, pular, correr são dos mais populares aos ligados ao saci. O único pé gera uma relação de homologia com o redemoinho e o furacão, que também tocam o solo em um único ponto. Sua ausência é também seu poder.

Cascudo (2012) nos lembra que a carapuça do saci é símbolo de liberdade no Ocidente desde a Roma antiga, quando o piléu vermelho – artefato sagrado da deusa Libertas – era oferecido aos escravos que ganhavam libertação. Tempos depois, o objeto seria apropriado pelos grandes movimentos libertários, como a Revolução Francesa e a Guerra Civil Americana. No entanto, muito antes disso, os duendes, gnomos e trasgos já vestiam o gorro encarnado. São, afinal, livres enquanto forças da natureza. Não é por acaso que para escravizar um saci é preciso tomar sua carapuça. Sua grande fonte de magia é a liberdade.

Por que o saci permanece atual? Por que ainda hoje comunica com tantos brasileiros? Ora, os poderes estabelecidos podem ser outros, mas as dinâmicas de dominação e subordinação permanecem evidentes. As classes proletárias e os grupos negros e marginalizados continuam à mercê de uma elite cientificista, economicista e racista. Os ventos que o saci comanda sopram hoje por todo o Brasil. É ele, afinal, este herói trapaceiro que chora por nós, mas também sabe rir. Que rompe com o estabelecido e que pode até trazer o caos, mas com a certeza de que com ele também vem a mudança.

Referências

AMBROSETTI, Juan B. Materiales para el estudio del folk-lore misionero. **Revista del Jardín Zoológico**, 1894.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CORREIO PAULISTANO. **Tradições Populares de Minas e S. Paulo**. São Paulo, 22 set. 1859, p. 2-3. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1859_01034.pdf. Acesso em: 25 fev. 2020.



DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2012.

_____. Introduction à la mythodologie. In: _____. **La sortie du XXe siècle**. Paris: CNRS Editions, 2010, p. 15-171.

_____. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

GOMES, Eunice. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.

HABIB, Paula. **Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação**. 175f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2003.

LOBATO, Monteiro. **O Saci-Pererê - Resultado de um inquérito**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **O Saci**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

O ESTADO DE S. PAULO. **Histórias de caçador – Um novo concurso do “Estadinho”**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 6 mar. 1918. p. 6.

QUEIROZ, Renato. **Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci**. São Paulo: Polis, 1987.

_____. O herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do trickster. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, SP, vol. 3. n. 1. pgs. 93-107, 1991.

_____. Migração e metamorfose de um mito brasileiro: o saci, trickster da cultura caipira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. SP, n. 38, p. 141-148, 1995.

ROBERTS, John W. **From trickster to badman - The black folk hero in slavery and freedom**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geographia Nacional**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

[Recebido: 30 dez 2020 – Aceito: 18 mar 2021]